

ARQUITETURA, PAISAGEM E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO NA CONSTITUIÇÃO DO *SELF*

Autora: Lívia Aina Paegle Bittar

Orientadora: Sandra Maria Patrícia Ribeiro

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

livia.aina@usp.br

Objetivos e Resumo

A partir do conceito de experiência estética postulado por Gilberto Safra, a pesquisa tem por objetivo demonstrar de quais maneiras o espaço é estruturante na constituição do *self*. O aspecto sensorial que deriva do ambiente organiza o indivíduo e o permite se apropriar do mundo à sua maneira, pois é responsável por integrar o ser à realidade em sua dimensão concreta e simbólica. A paisagem, nesse sentido, é responsável por substancializar a relação sensível com a materialidade, de modo a capacitar o homem a desenvolver um vínculo afetivo com o espaço construído. A pesquisa concluirá que a dimensão estética presente na arquitetura e a paisagem permite ao indivíduo desenvolver um senso de apropriação de si e de continuidade no mundo, além de possibilitar sua significação diante do outro.

Métodos e Procedimentos

A pesquisa teórico-conceitual foi realizada por meio da revisão bibliográfica integrativa. Privilegiou-se a obra “A face estética do *self*”, de Gilberto Safra, que serviu de repertório conceitual na elaboração da pesquisa por atribuir especial importância à sensorialidade e à experiência do espaço. A investigação priorizou textos que exploram a filosofia da arquitetura e da paisagem, de modo a aprofundar conceitos relativos à interface entre o aspecto objetivo e subjetivo dos espaços vividos.

Resultados

A pesquisa explicita que a experiência estética vivida no espaço é responsável por viabilizar a articulação de formas plásticas que possibilitam o indivíduo habitar a si e existir no mundo. Para analisar a influência do espaço nos processos de simbolização do sujeito, fez-se necessário assumir a existência de uma terceira dimensão ontológica em uma abordagem *trajectiva*, de forma a ratificar a seguinte premissa de Winnicott: “o que é objetivamente percebido é subjetivamente concebido”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi pertinente aprofundar as diferenças entre território, ambiente e paisagem à luz do conceito de temporalidade, visando compreender a relação simbólica e subjetiva entre homem e natureza. A perda das tonalidades afetivas que marcam essa relação é propiciada pela experiência do indivíduo na megalópole, posto que ela promove rupturas na percepção do tempo e do espaço e, consequentemente, no próprio *self*. Desfragmentado de si e impossibilitado de reconhecer-se no espaço construído, o indivíduo das grandes cidades vive uma constante tensão entre seu universo psíquico e o seu mundo supraindividual, destituído da capacidade de experienciar esteticamente o espaço.

Conclusões

O campo da percepção é responsável por efetivar a integração sensível entre homem e mundo. As imagens sonoras, visuais, gustativas e tácteis constituem o *self* e o significam diante

do outro, viabilizadas pela existência de um ambiente facilitador acessado por meio da experiência. O ambiente nunca é somente um objeto: ele é, ao mesmo tempo, criação e parte do sujeito. As formas multissensoriais que derivam do ambiente experienciado ensejam o senso de unidade corporal e introduzem o indivíduo às primeiras concepções do *não-eu*, de modo a dar sentido de lugar e extensão de si e do outro.

A materialização da sensibilidade abstrata, ao ser transformada em concretude capaz de ser comunicada e apreendida, organiza o *self* e o ambiente de modo a fazer irromper a paisagem. Em sua unidade indissolúvel, ela é a forma em trânsito que o ambiente confere ao território. Intangível e concreta ao mesmo tempo, a paisagem comporta a gênese e a morte das formas, em uma síntese fluida que transpassa os limites apreensíveis do tempo e espaço. Ela traduz uma realidade sintética em seu espaço de experiência: não se vive *na* paisagem, vive-se a paisagem. É uma finitude aberta, dotada de uma temporalidade inclusiva, qualitativa e integradora do ser.

A dinâmica das grandes cidades, por sua vez, privilegia o *tempo-quantidade* em detrimento da temporalidade qualitativa que integra o homem nos ritmos da natureza. Privilegia-se a racionalidade em detrimento do sentir, em uma lógica alienante e impessoal. Impossibilitado de reconhecer a si próprio no espaço, o homem encontra-se desfragmentado e incapacitado de habitar o tempo à sua maneira, de modo a criar rupturas em suas possibilidades de vir a ser e de se significar diante do outro. É fundamental meditar sobre a gravidade das intervenções que descaracterizam o espaço vivido e impõem ritmos inapreensíveis, uma vez que comprometem a morada do homem sobre a Terra e em si.

Referências Bibliográficas

ASSUNTO, R. A paisagem e a estética. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Coord.). Filosofia da paisagem: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011, p. 341-375. RIBEIRO, S. M. P.; BARTALINI, V. Considerações sobre a gravidade ética e política da paisagem e de suas transformações. In: RIBEIRO, Sandra Maria Patrício (org.), Ethos humano e mundo contemporâneo:

diálogos e estudos (versão on-line; pp. 40-77). São Paulo: Baracoa. doi: 10.5935/978-65-80620-00-5.cap.2 - Disponível em: <>. Acesso em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/483ccb_2fb3264dec414b768f4d8999c0bc7cc5.pdf.

SAFRA, G. A face estética do *self*. São Paulo: Unimarco Editora, 2005. SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. Filosofia da Paisagem. Estudos. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. SERRÃO, A. V. Filosofia e Paisagem: aproximações a uma categoria estética. In Philosophica. Lisboa, N. 23, 2004. p.78-102. SIMMEL, G. Filosofia da Paisagem. In SERRÃO, A. V. (coord). Filosofia da Paisagem. Uma antologia. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). In: MANA 11, 2. Museu Nacional, 2005. p. 577-591. SOBREIRA, M.M.

Cidade como chõra e abrigo: sobre a essência da arquitetura. In: RIBEIRO, Sandra Maria Patrício (org.), Ethos humano e mundo contemporâneo: diálogos e estudos (versão on-line; pp. 283-320). São Paulo: Baracoa. doi: 10.5935/978-65-80620-00-5.cap.9 - Disponível em: <>. Acesso em: https://docs.wixstatic.com/ugd/483ccb_d5b19e57c61b4b9f94cd680960d58c89.pdf.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983.